

Escravizadas em Moçâmedes, 1855: Idades, Famílias, Trabalho e Resistência¹

Enslaved Females in Moçâmedes, 1855: Age, Families, Work, and Resistance

Mujeres esclavizadas en Moçâmedes, 1855: Edades, familias, trabajo y resistencia.

José C. Curto²

York University, Canadá

jccurto@yorku.ca

Resumo

Este texto examina as vidas das escravizadas em Moçâmedes, Angola, em 1855, utilizando registos de arquivo para recuperar vozes frequentemente ignoradas na historiografia. Entre 850 indivíduos escravizados, apenas 255 eram do sexo feminino, reflectindo o forte desequilíbrio de género que moldava as relações sociais e reforçava o controlo masculino. Embora a maioria das mulheres escravizadas estivesse em idade reprodutiva, a população escravizada não crescia por via da reprodução natural. A escassez de famílias estáveis e as duras condições desestimulavam a reprodução biológica, levando à dependência da importação de pessoas escravizadas. As estruturas familiares eram frágeis: existiam poucos casais oficialmente reconhecidos, enquanto as mães solteiras com filhos pequenos eram mais comuns. As crianças começavam geralmente a trabalhar cedo, o que limitava a coesão familiar a longo prazo. Apesar do seu número reduzido, as escravizadas desempenhavam papéis económicos essenciais, especialmente na agricultura, na colheita da urzela e no serviço doméstico, frequentemente em proporções semelhantes às dos homens. Este facto desafia as divisões tradicionais de trabalho baseadas no género. O texto destaca ainda a violência da escravidão, incluindo marcas físicas e o controlo forçado dos corpos. A resistência foi significativa: 39 casos de fuga foram registados entre as escravizadas. Muitas destas escapavam colectivamente, o que sugere formas organizadas e solidárias de resistência. De modo geral, o estudo revela tanto a exploração como a capacidade de acção das mulheres escravizadas numa sociedade escravagista em desenvolvimento.

¹ Partes deste trabalho foram apresentadas na Universidade Agostinho Neto, em 17 de novembro de 2025 e no II Congresso Internacional em Ensino das Ciências, Instituto Superior de Ciências da Educação - Huíla, entre os dias 19 e 21 de novembro de 2025. Agradeço a todos os participantes e colegas pelas suas perguntas, que melhoraram este trabalho. Gostaria também de agradecer, em especial, à Vanessa S. Oliveira por me ter levado a melhorar determinados conceitos. Embora nem todas as escravizadas abordadas neste artigo fossem mulheres (isto é, indivíduos que já tinham passado a puberdade), a grande maioria era-o. Sendo assim, o termo "mulher" será utilizado para todas as pessoas do sexo feminino, exceto quando indicado.

² PhD, Senior Scholar, Department of History.

Palavras-Chave: Moçâmedes, escravizadas, idades, famílias, trabalho, resistência

Abstract

This text examines the lives of enslaved females in Moçâmedes, Angola, in 1855, using archival records to recover voices often ignored in historiography. Of 850 enslaved individuals, only 255 were females, reflecting a strong gender imbalance that shaped social relations and reinforced male control. Most females were of reproductive age, yet the enslaved population did not grow through natural means. The scarcity of stable families and harsh conditions discouraged biological reproduction, leading to reliance on the importation of enslaved people. Family structures were fragile: only a few officially recognized couples existed, while single mothers with young children were more common. Children typically entered labor early, limiting long-term family cohesion. Despite their smaller numbers, enslaved females played essential economic roles, especially in agriculture, *urzela* collection, and domestic service, often in proportions similar to men. This challenges traditional gender divisions of labor. The text also highlights the violence of slavery, including physical marks and forced control of bodies. Resistance was significant: 39 females were recorded as fugitives, many escaping collectively, suggesting organized and solidaristic forms of resistance. Overall, the study reveals both the exploitation and agency of enslaved women in a developing slave society.

Keywords: Moçâmedes, enslaved females, age-groups, families, work, resistance

Resumen

Este texto investiga la vida de las mujeres esclavizadas en Moçâmedes, Angola, en 1855, utilizando documentos de archivo para recuperar voces que la historiografía ha tendido a silenciar. De las 850 personas esclavizadas, solo 255 eran mujeres, lo que revela un marcado desequilibrio de género que configuraba las relaciones sociales y reforzaba el control masculino. Aunque la mayoría de las mujeres esclavizadas estaban en edad reproductiva, la población esclavizada no crecía principalmente por reproducción natural. La escasez de familias estables y las duras condiciones desalentaban la reproducción biológica, generando dependencia de la importación de esclavizados. Las estructuras familiares eran frágiles: eran poco comunes las parejas reconocidas oficialmente, mientras que las madres solteras con hijos pequeños eran más frecuentes. Los niños solían comenzar a trabajar a temprana edad, lo que limitaba la cohesión familiar a largo plazo. A pesar de su número reducido, las mujeres esclavizadas desempeñaban funciones económicas esenciales, especialmente en la agricultura, la cosecha y el servicio doméstico, a menudo en proporciones similares a las de los hombres. Este hecho cuestiona la tradicional división del trabajo por género. El texto también destaca la violencia de la esclavitud, incluyendo las marcas físicas y el control forzado de los cuerpos. La resistencia fue notable: se registraron 39 casos de fuga entre mujeres esclavizadas. Muchas de ellas escaparon

colectivamente, lo que sugiere formas de resistencia organizadas y solidarias. En síntesis, el estudio revela tanto la explotación como la capacidad de acción de las mujeres esclavizadas en una sociedad esclavista en desarrollo.

Palabras clave: Moçâmedes, mujeres esclavizadas, edades, familias, trabajo, resistencia

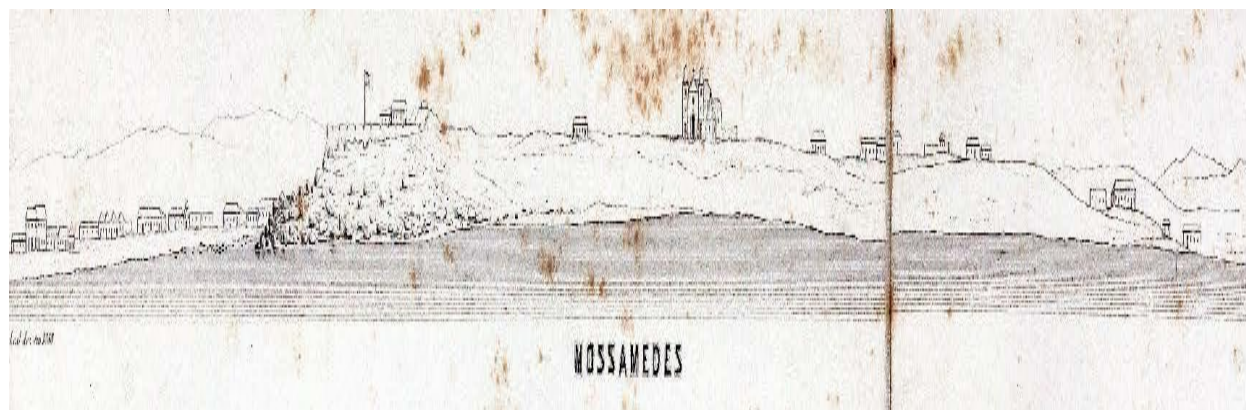


Imagem 1 – Moçâmedes, 1858. **Fonte:** Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, Reservados 9-A-10, Costa de Angola.

INTRODUÇÃO

A questão da componente feminina em qualquer aspecto do passado da colónia de Angola tem-se desenvolvido de forma desproporcional na historiografia relativa ao período anterior a 1900. As grandes figuras têm sempre atraído bastante atenção: Nzinga Mbandi

The image shows two pages of a handwritten register, likely a slave ledger, with columns for names, ages, and other details. The handwriting is in Portuguese and the document is dated 1855.

NÚMERO	NOME DO MANDANTE O SEU VENDEDOR	NOME DO	IDADE	SEXO	REMARKS
702	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
703	Francisco Bonito	Lourenço	20	M	
704	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
705	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
706	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
707	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
708	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
709	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
710	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
711	Francisco Bonito	Antónia	20	F	
712	Francisco Bonito	Antónia	20	F	

Imagem 2: Registo de Escravos, Moçâmedes, 1855. **Fonte:** Arquivo Histórico Nacional (ANA), Luanda, Códice 2580, “Mossamedes, L[ivro] n[úmero] 1 de Registo de Escravos, 1855.

no século XVII,³ Kimpa Vita no século XVIII,⁴ Dona Ana Joaquina dos Santos e Silva no

³ Jean-Louis Castilhon, *Zingha, Reine D'Angola: Histoire Africaine*. Paris: Lacombe 1769, (mas veja-se a edição moderna organizada por Patrick Graille e Laurent Quillerie com publicação em Bourges: Ganymede, 1993); João M. Cerqueira de Azevedo, *Jinga: Rainha de Matamba 1583-1663*. Braga: Oficinas Gráficas Augusto Costa & Comp.a, 1949; Jean Cuvelier, *Koningin Nzinga van Matamba. Met medewerking van Jozef Boon*. Brugge, Desclée, De Brouwer, 1957; Castro Soromenho, "Portrait: Jinga, Reine de Ngola et de Matamba", *Présence Africaine* 42 (1962), pp. 47-53; Ibrahima B. Kaké, *Anne Zingha: Reine d'Angola, première résistante à l'invasion portugaise*. Paris: ABC, 1975; Joseph C. Miller, "Nzinga of Matamba in a New Perspective", *Journal of African History* XVI (1975), pp. 201-216; Fernando Campos, "A data da morte da Rainha Jinga D. Verónica I", *África* (Universidade de São Paulo) 4 (1981), pp. 79-103, 5 (1982), pp. 72-104, and 6 (1983), pp. 89-128; Roy A. Glasgow, *Nzinga: Resistencia africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982; Adriano A. T. Parreira, "A Rainha Angolana Jinga: Para Além das Leis Normativas de Parentesco", *História* (Lisboa) 123 (1989), pp. 59-67; Adriano A. T. Parreira, *Economia e Sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga, Século XVII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990; John K. Thornton, "Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624-63", *Journal of African History* 32 (1991), pp. 25-40; Rosa da Cruz e Silva, *Jinga Mbandi e o Poder*. Luanda: Museu Nacional de Antropologia, 1991; Cathy Skidmore-Hess, "Soldiers and Smallpox: The 1626 Portuguese Campaign against Njinga of Matamba in Angola", in Robert H. Harms, Joseph C. Miller, David S. Newbury, and Michele D. Wagner, orgs., *Paths Towards the Past: African Historical Essays in Honor of Jan Vansina*. Atlanta: ASA Press, 1994, pp. 395-413; Cathy Skidmore-Hess, "Queen Nzinga, 1582-1663: Ritual, Power and Gender in the Life of a Precolonial African Ruler", Tese de doutoramento, University of Wisconsin, 1995; Carlos M. H. Serrano, "Ginga, A Rainha Quilombola de Matamba e Angola," *Revista da USP* 28, Dossiê Povo Negro - 300 Anos (1995-1996), oo, 1-7; Beatrix Heintze, "Njinga Mbandi Ana de Sousa", in John Middleton, org., *Encyclopedia of Africa south of the Sahara*. New York: Charles Scribner's Sons, 1997, Vol. 3, p. 328; Howard L. Moses, "Nzinga, the African queen: a psychobiographical novel; A contextual essay on leadership characteristics in Nzinga, the African queen", Tese de doutoramento, Union Institute Graduate School, 1999; Selma A. Pantoja, *Nzinga Mbandi: Mulher, Guerra e Escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2000; Simone Schwarz-Bart, "Ana de Sousa Nzinga: The Queen Who Resisted the Portuguese Conquest", in Simone Schwarz-Bart, org., *Ancient African Queens: Vol. 1, In Praise of Black Women*. Madison: University of Wisconsin Press, 2001, 174-187 Alexander Ives Bortolot, "Ana Nzinga: Queen of Ndongo", *Heilbrunn Timeline of Art History*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000, <https://www.metmuseum.org/essays/ana-nzinga-queen-of-ndongo>, acesso 12 de dez., 2025; Marina de Mello e Souza, "A rainha Jinga de Matamba e o catolicismo (África central, século XVII)", in Jerusa P. Ferreira and Vilma Áreas, orgs., *Marlyse Meyer nos caminhos do imaginário*. São Paulo: EDUSP, 2009, pp. 153-182; Mariana B. Fonseca, "Rainha nzinga mbandi, imbangalas e portugueses: as guerras nos quilombos de Angola no século XVII", *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* 23 (2010), pp. 391-415; Selma Pantoja, "O ensino da história africana: metodologias e mitos – o estudo de caso da rainha Nzinga Mbandi", *Revista Cerrados* 19 (2010), pp. 315-328, <http://www.revistacerrados.com.br/index.php/revistacerrados/article/view/189>, acesso 10 de dez., 2025; Denise Rocha, "Imagens da Diplomacia de Nzinga Mbandi Ngola, em Luanda, no ano de 1621: Historia, Gravuras, e Narrativa (Pequetela)", trabalho apresentado no III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 03 a 06 de maio de 2011, Londrina, R; Priscila M. Weber, *História da África e dos afrodescendentes no Brasil - Nzinga Mbandi em perspectiva*. Porto Alegre: Rigel, 2012; Mariana B. Fonseca, "Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola: Século XVII", Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2012; Inocência Mata, org., *A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito*. Lisboa: Colibri, 2012; Priscila M. Weber, "Africanidades em questão: o desenvolvimento dos estudos africanos e alguns apontamentos sobre a ascensão da rainha Nzinga Mbandi ao poder no Ndongo e Matamba", *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades* 10 (2012), pp. 1-18; Cathy Skidmore-Hess, "Njinga of Matamba and the politics of Catholicism", in E. Clark and M. Laven, orgs., *Women and Religion in the Atlantic Age, 1550-1900*. Farnham, UK: Ashgate, 2013, pp.123-140; Mariana Brack Fonseca, *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola, século XVII*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015; Priscila M. Weber, "A rainha Nzinga Mbandi como personagem chave nas disputas de poder no Ndongo: África Central, século XVII", *Outros Tempos-Pesquisa em Foco-História* 13 (2016), pp. 224-231; Priscila M. Weber, "'Nossa capital inimiga' ou 'ardiloza como valeroza': a rainha Ginga indeterminada semanticamente na obra de Oliveira de Cadornega", in Marçal de Menezes Paredes and Vinícius Liebel, orgs., *Cultura no Contexto Ibero-Americano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, pp. 9-28; Linda M.

XIX,⁵ assim como outras mulheres da elite entre o princípio do século XVI e os meados/fim do século XIX.⁶ As angolanas de “menor peso”, sejam elas livres, libertas ou

Heywood, *Njinga of Angola: Africa's Warrior Queen*. Cambridge: Harvard University Press, 2017; Mariana Bracks Fonseca, *Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019; Selma A. Pantoja, “Njinga a Mbande: Power and War in 17th-Century Angola”, in *Oxford Research Encyclopedia of African History*. New York: Oxford University Press, 2020, p. 1-23; Selma A. Pantoja, “Njinga a Mbande: Discutindo Gênero, Poder e Guerra no Século XVII em Angola”, *Revista Científica do ISCED – Huíla* 2 (2021), pp. 81-97; Mariana B. Fonseca, “Njinga of Ndongo and Matamba”, *Oxford Research Encyclopedia of African History*, 2022, DOI:[10.1093/acrefore/9780190277734.013.997](https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.997), acesso 12 de dez., 2025.

⁴ Louis Jadin (org.), “Le Congo et la secte des Antoniens, Restauration du royaume sous Pedro IV et la ‘Saint Antoine’ congolaise: 1694-1718”, *Bulletin de l'Institut Historique Belge de Roma* 33 (1961), pp. 411-615; John K. Thornton, *The Kongoese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684–1706*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998; José M. Abrantes. *Kimpa Vita: A profetisa ardente*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009; B. Hendrickx and T Molefe, “Dona Beatriz (Kimpa Vita): Some new considerations on her role and death in the Kingdom of Kongo”, *Ekklesiastikos Pharos* 92, New Series 21 (2010), pp. 439- 450; Serge Mboukou, *Messianisme et modernité. Dona Béatrice Kimpa Vita et le mouvement des antoniens*. Paris: L’ Harmattan, 2010; Simão Souindoula, “Kimpa Vita, uma tragédia inacabada”, *Revista Angolana de Sociologia* 7 (2011), pp. 189-191; Patrício Batsikama, *O Legado de Nsimba Vita «Kimpa Vita»: Simon Kimbangu e Simão Gonçalves Toco*. Luanda: Mayamba, 2021; Benjamin Hendrickx, “Kimpa Vita (Dona Beatriz) and “Afro-Catholicism”: reexamining controversies and unsolved problems”, *Pharos Journal of Theology* 102 (2021), pp. 1-14; Patrício Batsikama, *Dona Beatriz Nsimba Vita*. 1ª edição, Aracaju, SE: Ancestre, 2021; Patrício Batsikama, “Religião como espaço de resistência: Dona Beatriz Nsimba Vita”, *Revista Transversos* 22 (2021), <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/57839/38925>, acesso 10 de dez., 2025; Abel C. Quijila, “Kimpa Vita: Um Caso de Resistência contra o Projeto de Colonialismo na África no Século XVII”, in Arilson dos Santos Gomes, et al, orgs., *Ensaio interdisciplinares em humanidades*. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2022, p. 21-41; Abel C. Quijila, “Repensar o lugar de Kimpa Vita e o movimento Antonista nos livros didáticos angolanos: a partir da história e das artes”, Dissertação de mestrado, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022; Patrício Batsikama, “Kimpa Vita: Religiosidade Kôngo e Messianismo”, in *Sociedades Africanas: Religiosidades, Identidades e Conexões Globais*, 2023, https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/32817/1/bookPart_32817.pdf, acesso 10 de dez., 2025.

⁵ Júlio de Castro Lopo, “Uma Rica Dona de Luanda”, *Portucale* 3 (1948), pp. 129-138; Carlos A. Lopes Cardoso, “Ana Joaquina dos Santos Silva, industrial angolana da segunda metade do século XIX”, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda* 32 (1972), pp. 5-14; Douglas L. Wheeler, “Angolan Woman of Means: D. Ana Joaquina dos Santos e Silva, Mid-Nineteenth Century Luso-African Merchant-Capitalist of Luanda”, *Santa Bárbara Portuguese Studies* 3 (1996), pp. 284-297; Vanessa S. Oliveira, “Dona Ana Joaquina dos Santos e Silva: A Woman Merchant of Nineteenth Century Luanda”, in Vanicleia S. Santos, org., *General History of Africa: Africa and Its Diasporas*. Paris: UNESCO, 2023, vol. X, pp. 913–923.

⁶ Mario A. Fernandes de Oliveira, *Alguns Aspectos da Administração de Angola (1834–1851)*. Lisbon: Universidade Nova de Lisboa, 1982; Richard Gray, “A Kongo Princess, the Kongo Ambassadors and the Papacy”, *Journal of Religion in Africa* 29 (1999), pp. 140-154; Selma A. Pantoja, Donas de ‘Arimos’: um negócio feminino no abastecimento de gêneros alimentícios em Luanda (séculos XVIII e XIX)”, in Selma A. Pantoja, org., *Entre Áfricas e Brasis*. Brasília: Paralelo 15, 2001, pp. 35-49; John K. Thornton, “Elite women in the Kingdom of Kongo: historical perspectives on women’s political power”, *Journal of African History* 47 (2006), pp. 437-460, 2006; Mariana P. Candido, “Aguida Gonçalves da Silva, une dona à Benguela à la fin du XVIIIe siècle”, *Brésil(s).Sciences humaines et sociales* 1 (2012), pp. 33-53; Mariana P. Candido, “Concubinage and Slavery in Benguela, ca. 1750–1850,” in Nadine Hunt and Olatunji Ojo, orgs., *Slavery and Africa and the Caribbean: A History of Enslavement and Identity since the 18th Century*. London: I.B.

escravas, representando a grande maioria das mulheres, têm adquirido muito menos atenção histórica.⁷ Esta contribuição tem como foco o tema das mulheres escravizadas em

Tauris, 2012, pp. 66–84; Vanessa S. Oliveira, “Gender, Foodstuff Production and Trade in Late-Eighteenth Century Luanda”, *African Economic History* 43 (2015), pp. 57–81; Mariana P. Candido, “Engendering West Central African History: The Role of Urban Women in Benguela in the Nineteenth Century,” *History in Africa* 42 (2015), pp. 7–36; Mariana P. Candido, “African Women in Ecclesiastical Documents,” *Social Sciences and Missions* 28 (2015), pp. 235–260; Candido, Mariana P. “Women, Family, and Landed Property in Nineteenth-Century Benguela,” *African Economic History* 43 (2015), pp. 136–161; Vanessa S. Oliveira, “The Gendered Dimension of Trade: Female Traders in Nineteenth Century Luanda,” *Portuguese Studies Review* 23 (2015), pp. 93–121; Vanessa S. Oliveira, “The Donas of Luanda, C. 1770–1867: From Atlantic Slave Trading to ‘Legitimate’ Commerce”, Tese de doutoramento, York University, 2016; Vanessa S. Oliveira, “Slavery and the Forgotten Women Slave Owners of Luanda (1846–1876),” in Vanessa S. Oliveira and Paul E. Lovejoy, orgs., *Slavery, Memory and Citizenship*. Trenton: African World Press, 2016, pp. 129–147; Vanessa S. Oliveira, “Spouses and Commercial Partners: Immigrant Men and Locally Born Women in Luanda, 1831–1859,” in Mariana P. Candido and Adam Jones, orgs., *African Women in the Atlantic World: Property, Vulnerability & Mobility, 1660–1880*. Woodbridge, Suffolk: Boydell and Brewer Limited, 2019, pp. 217–232; Esteban A. Salas, “Women and Food Production: Agriculture, Demography and Access to Land in Late Eighteenth-century Catumbela”, in Mariana P. Candido and Adam Jones, orgs., *African Women in the Atlantic World: Property, Vulnerability & Mobility, 1660–1880*. Woodbridge, Suffolk: Boydell and Brewer Limited, 2019, pp. 55–69; José C. Curto, “Women Along the Catumbela River, 1797: Land Ownership, Agricultural Production, Labour, and Trade”, *Canadian Journal of African Studies* 54 (2020), pp. 373–393; José C. Curto, “Marriage in Benguela, 1797–1830: A Serialized Analysis”, in José C. Curto, org. (with the assistance of Maryann Buri), *New Perspectives on Angola: From Slaving Colony to Nation State*. Peterborough: Baywolf Press / Éditions Baywolf, 2021, pp. 119–143; Mariana P. Candido, *Wealth, Land, and Property in Angola: A History of Dispossession, Slavery, and Inequality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022; José C. Curto, “A Família Fortunato da Costa: De Portugal a Angola, via São Tomé, c. 1808 a 1859. *Afro-Ásia* 67 (2023), pp. 97–141; Mariana P. Candido, Mariana Dias Paes, and Juelma Gomes de Matos Ngala, “Law and Widowhood in Nineteenth-Century Angola,” in Joanna Davidson and Benjamin N. Lawrance, orgs., *Pathos and Power: Interdisciplinary Perspectives on Widowhood in Africa Past and Present*. Ohio University Press, 2025, pp. 63–79.

⁷ Luisa Mastrobuono, “Ovimbundu Women and Coercive Labour Systems, 1850–1940: From Still Life to Moving Picture”, Dissertação de mestrado, University of Toronto, 1992; Selma Pantoja, “A Diáspora Feminina: Degredadas para Angola no Século XIX (1865–1898)”, *Aárise Social* 151/152 (1999), pp. 555–572; Linda M. Heywood, “Ovimbundu Women and Social Change, 1880–1926”, in Maria Emília Madeira Santos (org.), *A África e a Instalação do Sistema Colonial (ca. 1885 – ca. 1930)*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga e Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000, pp. 441–453; Selma Pantoja, “As Fontes Escritas do Século XVII e o Estudo da Representação do Feminino em Luanda,” Jill R. Dias and Rosa Cruz e Silva, orgs., *Construindo o passado angolano: As fontes e a sua interpretação: Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola*. Lisbon: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, pp. 583–596; Selma Pantoja, “A Dimensão Atlântica das Quitandeiras,” in Júnia F. Furtado, org., *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, pp. 45–67; José C. Curto, “‘As if from a Free Womb’: Baptismal Manumissions in the Conceição Parish, Luanda, 1778–1807,” *Portuguese Studies Review* 10 (2002): 26–57; José C. Curto, “The Story of Nbena, 1817–1820: Unlawful Enslavement and the Concept of ‘Original Freedom’ in Angola”, in Paul E. Lovejoy and David V. Trotman, orgs., *Trans-Atlantic Dimensions of Ethnicity in the African Diaspora*. London: Continuum, 2003, pp. 43–64; Selma Pantoja, “Women’s Work in the Fairs and Markets of Luanda,” in Clara Sarmento, org., *Women in the Portuguese Colonial Empire: The Theatre of Shadows*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2008, pp. 81–94; Paul E. Lovejoy, “Les origines de Catherine Mulgrave Zimmermann: considérations méthodologiques”, *Cahiers des Anneaux de la Mémoire* 14 (2011), pp. 247–263; Mariana P. Candido, “Strategies for Social Mobility. Liaisons between Foreign Men and Enslaved Women in Benguela, ca. 1770–1850”, in Gwyn Campbell and Elizabeth Elbourne, orgs., *Sex, Power, and*

Moçâmedes durante um só ano – 1855. Aumenta assim o nosso conhecimento sobre algumas dessas outras mulheres angolanas,⁸ tornando-as mais visíveis e recuperando, de certa maneira, a voz que lhes foi silenciada pela violência da escravidão.

Para investigar e analisar parte dessas outras mulheres angolanas, neste caso as escravizadas em Moçâmedes durante 1855, vamos utilizar um documento que, recentemente, tem adquirido alguma relevância na reconstrução histórica desta vila nos meados do século XIX. Trata-se do códice 2580, *Mossamedes, Livro N.º 1 de Registo de Escravos*, que se encontra no Arquivo Histórico Nacional (ANA), Luanda. Este livro lista um total de 850 escravizados, numerados consecutivamente, em Moçâmedes no ano de 1855: destes, 595 (70%) eram do sexo masculino e 255 (30%) do feminino. É sobre este último número de pessoas escravizadas que incidirá a análise.

Como é agora conhecido, os *Registos de Escravos* depositados no AHA fornecem uma lista impressionante de informações sobre os escravizados nas cidades, vilas e distritos a que se referem.⁹ Todavia, no caso do Códice 2580, vamos concentrar-nos na componente feminina dos escravizados em Moçâmedes no ano de 1855, focando quatro

Slavery. Athens: Ohio University Press, 2014, pp. 272–288; Renata Jesus da Costa, “Colonialismo e gênero entre os Ovimbundu: relações de poder no Bailundo (1880-1930)”, Tese de doutoramento, Universidade de Brasília, 2014; Selma Pantoja, et. al., orgs. *Angola e as angolanas. Memória, sociedade e cultura*. São Paulo: Intermeios, 2016; Vanessa S. Oliveira, “Donas, escravas e pretas livres em Luanda (séc. XIX),” *Estudos Ibero-Americanos* 44 (2018), pp. 447-456; Mariana P. Candido, “Women in Angola”, *Oxford Research Encyclopedia of African History*, 2018, <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.569>, acesso 10 de dez., 2025; Tracy Lopes, “Free, Enslaved, and “Liberated” Women Imprisoned in Luanda, 1857 to 1884”, *Historiæ* 10 (2019), pp. 67-84; Mariana P. Candido, “Understanding African Women’s Access to Landed Property in Nineteenth Century Benguela”, *Canadian Journal of African Studies* 54 (2020), pp. 395-417; Vanessa S. Oliveira, “Slave Labor and the Vulnerability of Enslaved Women in Mid-Nineteenth Century Luanda”, in José C. Curto, org. (with the assistance of Maryann Buri), *New Perspectives on Angola: From Slaving Colony to Nation State*. Peterborough: Baywolf Press / Éditions Baywolf, 2021, pp. 145-166; Dorothée Boulanger, “Centring Women or Rehabilitating Masculinity? Gender, Literature and Late Nineteenth Century Angola”, in Francisco Bethencourt, org., *Gendering the Portuguese-Speaking World: From the Middle Ages to the Present*. Boston: Brill, 2021, pp. 179-198; José C. Curto, ““That Abominable Practice”: Child Marriage in Two Slaving Ports (Luanda and Benguela), c. 1797 – 1846”, *International Journal of African Historical Studies* 54 (2021), 129-147; Mariana P. Candido and Vanessa S. Oliveira, “The Status of Enslaved Women in West Central Africa, 1800–1830”, *African Economic History* 49 (2021), pp. 127-153; Vanessa S. Oliveira, “Mulheres escravizadas e resistência à escravidão em Luanda no século XIX”, *Portuguese Studies Review* 30 (2022), pp. 91-112; Renata Jesus da Costa Ehrl, “Mulheres Ovimbundu e poder local no Bailundo - 1880 e 1930”, *Afro-Ásia* 71 (2025), pp. 1-36. Notar, mesmo assim, a presença contínua das elites nesta lista das “outras”.

⁸ Utilizo aqui este termo, como se pode deduzir, muito para além das “Outras” oriundas das elites africanas que são trazidas à luz por Isabel Castro Henriques, “As outras africanas: As reais e as inventadas”, *Oceanos* 21 (1995), pp. 53–63.

⁹ Para Luanda e seu imediato interior, ver Vanessa S. Oliveira, <https://slaveregisters.org/about.php>. Para Moçâmedes, ver os estudos referenciados na nota seguinte.

subtemas que, como veremos mais adiante, possuem uma certa sincronia: idade, organização familiar, actividades económicas e, finalmente, resistência contra a perda da liberdade.¹⁰

Em 1855, Moçâmedes era ainda uma aglomeração de fronteira, recém-fundada em 1839-1840 por gente e recursos enviados desde Luanda e de Benguela para abrir uma terceira via de penetração comercial no sul de Angola. Embora a sua população tivesse aumentado com a chegada de quase 300 luso-brasileiros em 1849-1850, foi a importação posterior de mão de obra escravizada que impulsionou decisivamente o seu crescimento demográfico. Não possuímos dados sobre a população de Moçâmedes em 1855, data em que o seu crescimento lhe valeu a designação de “vila”. Sabemos que, no final do ano anterior, contava com 940 habitantes, entre os quais se encontravam 461 escravizados (ou 49% do total).¹¹ Pelos fins de 1856, esses números aumentaram para 958 residentes, incluindo 632 cativos (ou 66% do total).¹² Assim, os 850 escravizados listados no código *Mossamedes, Livro_N.º 1 de Registro de Escravos*, em 1855, faziam parte de um impressionante aumento da população escravizada,¹³ transformando Moçâmedes numa verdadeira vila escravocrata.¹⁴

Idades, famílias, trabalho e resistência das escravizadas

As pessoas escravizadas neste processo possuíam características demográficas bem particulares, visto que Moçâmedes era uma aglomeração urbana recentemente fundada, em plena expansão e, por isso mesmo, com necessidades agudas de um certo tipo de mão de obra. Em 1855, com uma crescente dependência do trabalho escravo, a vila já demonstrava uma preferência nítida por escravizados do sexo masculino. As

¹⁰ Para outros estudos baseados, em parte ou totalmente, neste documento, ver: José C. Curto and Arshad Desai, “The Early Demography of Moçamedes, Angola, 1839-1869: A Preliminary Analysis”, *Revista HISTORIÆ* 10 (2019), pp. 11-32, <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/12040/7796>; José C. Curto, “Uma Vila Escravagista: Proprietários e seus Cativos em Moçâmedes, 1855”, *Revista Brasileira de História* 43/93 (2023), pp. 225-269. DOI: [10.1590/1806-93472023v43n93-12](https://doi.org/10.1590/1806-93472023v43n93-12); José C. Curto, “Escravos/as e suas Ocupações em Moçâmedes, 1854-1860”, *Afro-Ásia* 71 (2025), pp. 1-26.

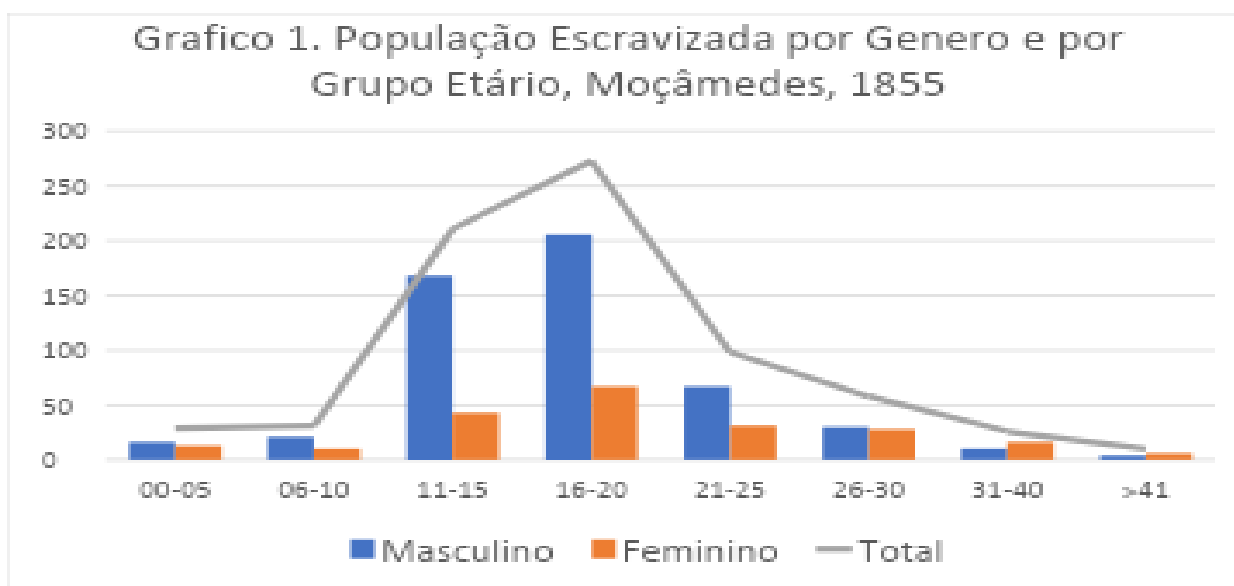
¹¹ “Extracto do um Officio do Governador Interino de Mossamedes, o Capitão F. da Costa Leal, dirigido ao Ministerio da Marinha e Ultramar em data de 3 de Janeiro de 1855”, in *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte Official*, 1857, p. 200.

¹² Ver o resumo populacional do final de 1856 em A. da Silva Rego (org.), “Annaes do Município de Mossamedes”, *Studia* 38 (1974), p. 37.

¹³ Como veremos mais adiante, nem todos os escravizados listados neste documento residiam efetivamente em Moçâmedes durante 1855.

¹⁴ David Birmingham, “Slave City: Luanda through German Eyes”, *Portuguese Studies Review* 19 (2011). pp. 77-92; Curto, “Uma Vila Escravagista”.

mulheres escravizadas eram, correspondentemente, relativamente poucas. Neste universo de escravizados, como foi já apontado acima, existiam somente três mulheres para cada sete homens. Tal desequilíbrio deveria ter resultado numa competição intensa pelas escravizadas. Isto não só da parte de homens escravizados, mas também da parte dos homens livres que também tinham um reduzido número de mulheres livres ao seu dispor. Ora como a maioria dos proprietários de escravizados eram homens,¹⁵ estes senhores devem ter exercido um controlo enorme sobre as poucas mulheres escravizadas existentes.¹⁶



Além disso, a componente feminina dos escravizados em Moçâmedes durante 1855 não se encontrava distribuída em grupos etários normais. Das 255 mulheres servis listadas no código *Mossamedes, Livro_N.º 1 de Registro de Escravos*, não possuímos informação sobre a idade de 42 delas. Para as outras 213, o seu grupo etário está discriminado no Gráfico 1. Como se pode ver, as mulheres escravizadas encontravam-se largamente concentradas em certos grupos etários. Existiam poucas escravizadas com 10

¹⁵ Curto, “Escravos/as e suas Ocupações em Moçâmedes”; Curto, “Uma Vila Esclavagista”.

¹⁶ Ver nossa discussão mais adiante sobre a constituição de famílias escravizadas.

ou menos anos de idade: isto indica que a sociedade escravocrata que se desenvolveu rapidamente em Moçâmedes depois do final da década de 1830 não era capaz de se auto-reproduzir. Ao mesmo tempo, esta também era uma sociedade onde existiam poucas mulheres escravizadas idosas, neste caso com 31 ou mais anos de idade. A grande maioria encontrava-se entre as jovens e as idosas: 42 tinham entre 11 e 15 anos de idade; 67 tinham entre 16 e 20 anos de idade; 31 tinham entre 21 e 25 anos de idade; e outras 28 tinham entre 26 e 30 anos de idade. Ora, para este género, estes seriam os grupos etários com maior potencial de reprodução. Mas isso não aconteceu. Em 1855, uns quinze anos depois do começo do desenvolvimento de Moçâmedes (de simples estabelecimento comercial a vila), existiam somente 37 escravizados e 23 escravizadas com 10 anos ou menos de idade. Embora a grande maioria das escravizadas estivesse apta a reproduzir, a única maneira de aumentar a população escravizada de Moçâmedes era através da importação de mais cativos das zonas abastecedoras: os arredores da vila, o planalto central e outras zonas do que viria a ser Angola.¹⁷

Um factor que contribuía para a não reprodução biológica dos escravizados foi a quase total ausência de famílias estáveis. Efectivamente, famílias escravizadas raramente aparecem listadas no registo de 1855. Apenas quatro casais e, quando os havia, os seus descendentes, estavam registados.

Domingas [n.º 733],¹⁸ com 28 anos, natural do Bihé, e trabalhando na agricultura, constituía um destes casais com o seu parceiro Cortez Caraoutu Antonio [n.º 732], um Cabunda com 30 anos de idade. Enquanto ela era descrita como “baixa” e “muito retinta”, ele era de “estatura regular”, “barbado” e com “olhos muitos vivos”. O nome completo de Cortez, algo longo, era certamente incomum para um escravizado. Trabalhava como pedreiro. O nível de sua especialização (aprendiz, oficial ou mestre) não se conhece.

¹⁷ Um dos primeiros luso-brasileiros a comprar escravos foi o chefe da primeira expedição que saiu de Pernambuco em direção do sul de Angola. Enquanto em Luanda, no final de agosto e início de setembro de 1849, Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro comprou “17 escravos que levo para” Moçâmedes: Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, 1E, Maço 1838-1864, Sobre a Vinda de Colonos de Pernambuco para a Colonia de Mossamedes, Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro para Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, Luanda, 4 de setembro, 1849. Cinco anos mais tarde, esta mesma pessoa informava demais que “alguns colonos já têm comprado escravos com o produto da agricultura”: Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, AHU, “Relatório sobre Mossamedes” em 5 de Julho de 1854, *Annaes do Conselho Ultramarino* (parte não official), Fevereiro de 1854 a Dezembro de 1858. Lisboa, Imprensa Nacional, 1867, p. 153. Como explicou o padre Duparquet em 1862, Gérard Vieira, org., *Le Père Duparquet: lettres et écrits, Tome II*. Paris: Karthala, 2013, p. 434, os luso-brasileiros “trouvent avantage a venir habiter ce pays parce qu’ils peuvent se procurer a bien meilleur compte qu’au Brésil les esclaves dont ils ont besoins pour cultiver le coton et la canne a sucre”.

¹⁸ Para aliviar o peso das notas de rodapé, passo daqui em diante a referir-me a indivíduos escravizados específicos pelo seu número no *Registo* em foco. Seus nomes, origens e atributos físicos estão reproduzidos exatamente como se encontram no referido documento.

Todavia, a ocupação em que Cortez trabalhava era, então, uma das mais importantes em Moçâmedes, o que provavelmente lhe permitia não só ter uma esposa, mas igualmente ou até mais importante, também constituir família. Domingas e Cortez tinham três filhos: Pedro [n.º 734] com 5 anos de idade, Justino [n.º 735] com 3 anos, e Domingas [n.º 736], com 1 ano – todos nascidos em Moçâmedes, assim como todos “reforçado(s)” e com “olhos muitos vivos”. Assim sendo, Cortez, um entre uma dúzia de pedreiros escravizados nesta vila,¹⁹ poderia ser oficial (ou mesmo mestre), o que lhe conferia uma diária mais alta do que a de simples aprendiz.²⁰

Um segundo casal era constituído por Maria [n.º 738], natural de Cassange, com 26 anos de idade, e também laborando na agricultura, e por João Francisco [n.º 737], com 32 anos de idade e natural do Congo. Enquanto ele era descrito, entre outras características, como “baixo”, “reforçado” e “triste”, ela era “alta”, “magra”, com “rostos pequeno” e “olhos vivos”. Assim como Cortez, João Francisco trabalhava como pedreiro. Embora o seu nível de especialização também não tenha sido divulgado pelo documento em foco, a sua ocupação muito provavelmente permitiu-lhe atrair uma parceira e constituir família. Em 1855, Maria e João Francisco eram pais de Joaquim [n.º 739], natural de Moçâmedes, com 3 anos de idade, “reforçado” e também com “olhos vivos”.

Um terceiro casal era formado por Roza [n.º 741], com 22 anos de idade, natural de Mutembo, e trabalhando na agricultura, e por António Manuel [n.º 740], com 35 anos de idade e originalmente do Bengo. Ela era descrita como de “estatura regular”, “reforçada” e com “olhos vivos”. Em contrapartida, ele era “preto”,²¹ “baixo”, “magro”, mas também com “olhos vivos”. A ocupação de António Manuel era de carpinteiro, outra profissão importante em Moçâmedes nos meados da década de 1850.²² Assim como Maria e João Francisco, Roza e o seu parceiro tinham um filho: Bernardino [n.º 742], nascido em Moçâmedes, com 2 anos de idade, mas já “robusto” e com “olhos vivos”.

Finalmente, o último casal era composto por Maria [n.º 756], com 24 anos de idade, natural da Cunhama, e laborando na agricultura, e por Pedro [n.º 755]. Enquanto ela era “baixa”, “grosa”, de “feições regulares” e com a marca “M nos braços”, ele era de

¹⁹ Ver Tabela 2, assim como Curto, “Escravos/as e suas Ocupações em Moçâmedes”.

²⁰ Poucas semanas após a chegada a Moçâmedes do primeiro contingente de refugiados luso-brasileiros, o valor local de um cativo, independentemente do seu sexo, com ofício era de 110\$000 réis, enquanto o de um escravizado sem ofício era de apenas 50\$000 réis: AHU, Ultramar, Caixa MGI-6 (779) “Mappa dos Escravos na provincia d’Angola e suas Dependencias, 18 Agosto, 1849. Suas diárias refletiam essa valorização.

²¹ Este é o único de entre os constituintes dos casais a ser identificado por sua cor.

²² Ver Tabela 1, assim como Curto, “Escravos/as e suas Ocupações em Moçâmedes”.

“estatura regular”, “reforçado” e com “olhos vivos”. Com origem em Angang e com 27 anos de idade, Pedro trabalhava como caseiro, cuidando dos afazeres domésticos e da segurança da casa do seu dono. Era, portanto, pessoa de confiança do seu amo. Maria e Pedro (ainda) não tinham filhos.

Estes quatro casais tinham celebrado os seus matrimónios na tradição católica. Demais, todos os seus constituintes eram propriedade de uma só pessoa: Bernardino Freire de Figueiredo Castro e Abreu. Esta figura é frequentemente elogiada na historiografia em vários contextos. É, por exemplo, referenciado como o fundador da colónia de Moçâmedes. Todavia, antes da chegada de Bernardino Freire a esta terra a partir de Pernambuco em meados de 1849, já lá existiam vários estabelecimentos comerciais, assim como um destacamento militar, com brancos, mulatos e pretos, incluindo livres, libertos e escravizados, enviados das suas sedes em Luanda e em Benguela.²³ Por outras palavras, Moçâmedes foi fundada por gente da colónia de Angola e não por luso-brasileiros.²⁴ Do mesmo modo, Bernardino Freire é largamente elogiado na historiografia como sendo abolicionista. Mas, neste contexto, é absolutamente necessário lembrar que este indivíduo foi, em 1855, o quarto mais importante proprietário de escravizados em Moçâmedes: possuía 57 trabalhadores escravizados, 34 homens e 23 mulheres.²⁵ Assim sendo, o facto de que foi o único dos proprietários de carne humana a encorajar a constituição de casais via matrimónios celebrados na tradição católica pode muito bem ser interpretado não como um acto benevolente, mas como um incentivo para manter os seus outros cativos, 30 homens e 19 mulheres, sob um controlo mais eficaz.

Se, em 1855, poucos casais legalmente constituídos existiam entre os escravizados que residiam em Moçâmedes, algo relativamente mais comum eram famílias monoparentais, formadas por mães de um ou mais filhos de tenra idade.²⁶ Maria [n.º

²³ De acordo com Alfredo de A. Felner, org., *Angola: Apontamentos Sobre a Colonização dos Planaltos e Litoral do Sul de Angola, Documentos*. Lisboa: Agência-Geral das Colonias, 1940, 3 Vols., I: 16, existiam em Moçâmedes (algures na década de 1840) nada menos que “120 escravos masculinos e 310 femininos, na maioria trazidos para o sul pelos colonos, ou mandados pelo Governo”.

²⁴ Curto and Desai, “The Early Demography of Moçâmedes”; Curto, “Uma Vila Esclavagista”; Curto, “Escravos/as e suas Ocupações em Moçâmedes”.

²⁵ Curto, “Uma Vila Esclavagista”. Como vimos atrás, Abreu e Castro foi um dos primeiros luso-brasileiros a comprar escravizados para desenvolver seus sonhos de proprietário de plantações em Moçâmedes.

²⁶ É importante de notar que 8 crianças, com 5 anos de idade ou menos, não tinham sua mãe (ou pai) registado e, por isso, eram presumivelmente órfãs: Francisco (n.º 817), 1 ano de idade, com “rosto oval (e) olhos vivos”; nascido em Jao; Bernardo (n.º 818), 2 anos de idade, “reforçado, (com) rosto oval (e) olhos vivos”, natural de Moçâmedes; Delfina (n.º 594), 2 anos de idade, nascida em Moçâmedes; Barbara (n.º 729), 2 anos de idade, “cara chica, braços muito grossos, nariz muito chato (e) olhos vivos”, natural de Moçâmedes; Fermínio (n.º 661), 3 anos de idade, “grosso, rosto comprido, retinto, olhos vivos, (e) testa muito alta”, original de Luanda; Bento (n.º 497), 3 anos de idade, “rosto oval,

486] com 32 anos de idade e natural da Himba, caracterizada como de “altura regular, magra, retinta, rosto oval, olhos pequenos e amortecidos”, era mãe de Gertrude [n.º 488] com somente 1 mês, “fula” e com “olhos grandes” e de Leonor [n.º 487] com 2 anos de idade, “rosto oval, muito retinta, (e) olhos muito vivos”. Carlota [n.º 524], “alta, grossa, rosto oval, alguns sinais de bexigas, olhos muito vivos, (e) feições regulares”, mulher de 20 anos e com origem no Nano, tinha uma filha, Juliana [n.º 526], “fula”, com apenas 2 meses. Joana [n.º 9], natural do Bihe, 29 anos de idade e descrita como “baixa, reforçada ... marca W sobre o peito esquerdo”, era mãe de Maria [n.º 10], “bastante fula”, com somente 8 meses. Outra Maria [n.º 590], “alta, grossa, rosto comprido, muito fula, olhos pequenos e vivos, (e) carimbo no braço direito que se não conhece”, com 30 anos de idade e natural da Huila, era mãe de Joaquim [n.º 591], também com somente 8 meses, “rosto comprido, olhos pequenos, (e) muito fulo”. Julia [n.º 640], natural do Nano, com 24 anos de idade, “alta, grossa, rosto redondo, olhos vivos, (e) IDA nos peitos”, era mãe de Domingos [n.º 641], outro menino com 8 meses, “rosto oval, olhos muito vivos, (e) testa alta. Anna [n.º 743], com 28 anos, natural de Cassange, de “estatura regular”, mas “triste,” era por sua vez mãe de Florencio [n.º 744], criança com 2 anos de idade, “afinado (e) olhos vivos”. Faustina [n.º 752], caracterizada como de “estatura grosseira, regular, (e) M nos peitos”, com 27 anos de idade e natural da Quissama, era mãe de Agostinho [n.º 753] também com 2 anos de idade, “gordo (e) rosto comprido”. Maria [n.º 483], natural da Himba, com 25 anos de idade, “alta, grossa, rosto oval, retinto, olhos pequenos e amortecidos”, era mãe de Joaquim [n.º 484], com 6 anos de idade, “altura regular, retinto, rosto oval, olhos muito vivos”. E, finalmente, Candida [n.º 498], 40 anos de idade e natural do Bihe, “alta, magra, retinta, rosto comprido, olhos amortecidos, B no braço direito e peito esquerdo”, era mãe de Antonio [n.º 499], com 7 anos de idade, “alto, magro, rosto oval, retinto, (e) olhos pequenos”. Toda essa progenitura, um total de 9 meninos/as, nasceu em Moçâmedes.

Outras crianças que se encontravam em famílias monoparentais chefiadas pelas suas mães tinham nascido fora de Moçâmedes. Maria [n.º 565], jovem mulher de 18 anos, natural de Novo Redondo, dita “alta, grossa, (com) rosto oval, olhos vivos, N nos peitos,” era mãe de Henriqueta [n.º 566], com apenas 1 ano de idade, “rosto comprido e cheio (e) olhos vivos”, e natural de Novo Redondo. Joaquina [n.º 579], natural do Libolo, com 30 anos de idade, “baixa, grossa, rosto comprido, fula, olhos vivos, (com) carimbo no braço

retinto, olhos muito vivos, (e) bonitas feições”, nascido em Moçâmedes; Vicencia (n.º 269), 4 anos de idade, “rosto comprido, fula, (e com) as pernas arquadas”, natural da Huila; Benedito (n.º 236), 5 anos de idade, “rosto comprido, feições regulares, (mas) cego do olho direito”, original dos Gambos; Maria (n.º 819), 5 anos de idade, “reforçada, rosto oval, (e) olhos amortecidos”, nascida em Moçâmedes, Não sabemos quem cuidava destas crianças, nem como foram cuidadas.

e no peito esquerdo”, era mãe de Carolina [n.º 580], também com 1 ano de idade, nascida em Luanda e descrita como de “rosto oval, retinta, olhos pequenos e vivos”. Julio [n.º 182] com 1 ano de idade e natural de Benguela, era “filho da preta Marianna”, mulher “magra (e de) olhos negros” com 24 anos de idade e natural de Catumbela. Margarida [n.º 190], natural do Nano, com 40 anos de idade e, portanto, já senhora idosa, mas “alta, magra, (e) feições regulares”, era mãe de Amelia, nascida em Benguella, com 2 anos de idade. Catherina [n.º 47], caracterizada como “alta, gorda, muito retinta, rosto comprido, testa alta, olhos muito pequenos, nariz e boca regular”, com 20 anos de idade e natural dos Gambos, era mãe de Joana [n.º 48], com origem nos Gambos, 3 anos de idade, “rosto comprido, muito retinta, olhos pequenos, nariz e boca pequena”. João Macaco [n.º 50], com 4 anos de idade, “testa alta, nariz e boca pequena” e nascido em Mucimba, era filho de Xinguba [n.º 49], de 25 anos de idade, “altura regular, gorda, cara pequena, olhos pequenos, falta de um dente da frente no queixo superior e dois do inferior” e também natural de Mucimba. Dolinda [n.º 473], natural dos Gambos, com 7 anos de idade, “alta, magra, rosto comprido, olhos pequenos e vivos”, era filha de Roza [n.º 472], “retinta, alta, grossa, rosto oval, olhos grandes”, com 28 anos de idade e nascida no Humbe.

Os filhos de tenra idade vivendo com suas progenitoras, nascidos em Moçâmedes ou em outros lugares, não podiam contar com a presença do pai no lar. Essas chefes de famílias monoparentais deviam assim assumir, sozinhas, a dupla responsabilidade de cuidar dos seus filhos/as e de trabalhar para os sustentar. É interessante notar que nenhuma escravizada chefiava família com filhos maiores de 7 anos. Esta terá sido, então, a idade limite entre um jovem improdutivo dependente da sua mãe e um que, a partir de então, estava apto para trabalhar?²⁷ Numa sociedade escravagista como esta, a não produtividade das crianças parece ter sido também algo que levava os senhores de carne humana a não encorajar a reprodução biológica.²⁸

O trabalho das escravizadas em Moçâmedes nem sempre foi visível durante a década de 1850, como se pode notar em informação oficial sobre ocupações oferecida em vários documentos (ver Tabela 1). Os dados registados no código *Mossamedes, Livro_N.º 1 de Registro de Escravos*, contribuem significativamente para corrigir tal lacuna. Efectivamente, em 1855, as 198 cativas existentes em Moçâmedes encontravam-se concentradas numa dúzia de ofícios (ver Tabela 2). Maria [n.º 824], natural de Quilengues, com 13 anos de idade, “alta, reforçada, rosto oval, olhos vivos, beiços grossos,

²⁷ Vanessa S. Oliveira, “Experiences of Enslaved Children in Luanda, 1850-1869”, *Genealogy* 8 (2024), pp. 1-13, informa que crianças com 7 ou menos anos de idade trabalhavam na capital de Angola durante o mesmo período.

²⁸ É impossível, desde os dados oferecidos pelo documento aqui em foco, determinar quantos casais “informais” de escravizados poderiam existir então em Moçâmedes.

G (dentro de um triângulo) nos peitos e muitas cicatrizes sobre o peito junto ao ombro direito”, era engomadeira. Virginia [n.º 642], “alta, grossa, olhos vivos, (e) fula”, natural do Bailundo com 14 anos de idade, assim como Mariana [n.º 820], natural dos Gambos com apenas 10 anos de idade, “altura regular, magra, rosto, comprido, (e) olhos amortecidos”, trabalhavam como costureiras.

Um grupo de sete escravizadas eram lavadeiras: Florinda [n.º 241], natural de Quilembe, com 12 anos de idade, “estatura regular, reforçada, rosto oval, muito retinto, olhos pequenos, (e) feições regulares; Sophia [n.º 767], “estatura regular, bem parecida, olhos vivos e alegres”, natural do Lubollo, com 30 anos de idade; Maria [n.º 797], com 26 anos de idade, natural de Quilengues, e “estatura regular grossa, (e carimbo) do lado direito”; Francisca [n.º 816], também natural de Quilengues e com 26 anos de idade, “alta grossa ... (e) olhos vivos”; Chinangalla [n.º 821], de “altura regular (e) grossa”, natural de Tiaca com 14 anos de idade; Catana [n.º 822], natural de Ganguela com 12 anos de idade, “altura regular, grossa, rosto comprido, olhos amortecidos, (e) V S nos peitos”; Paschoa [n.º 825], com 16 anos de idade, natural de Cumbe, “baixa, grossa, beiços muito grossos, ... cicatriz, falta-lhe quatro dentes de cima”.

Um outro grupo de sete escravizadas laborava como cozinheiras: Maria [n.º 240], “alta, rosto comprido, nariz pequeno, olhos amortecidos, (e) ... uma pequena cicatriz entre os peitos”, natural do Mocusso com 20 anos de idade; Carlota [n.º 394], natural do Conhama com 18 anos de idade, “alta, magra, retinta, rosto comprido, (e) olhos vivos; uma segunda Maria [n.º 719], com 24 anos de idade, também natural do Conhama, e “alta, magra, rosto comprido, olhos vivos, (e) feições regulares”; Teresa [n.º 759], de “estatura regular (e) reforçada”, natural de Cacullo com 16 anos de idade; Micaela [n.º 760], natural de Maquicombo com 17 anos de idade, “alta, reforçada, fula, (e) M no braço esquerdo”; Perpetua [n.º 792], de “altura regular, magra, olhos vivos, (e) tres salientes sob o peito esquerdo”, natural de Angola com 20 anos de idade; Rachel [n.º 823], natural de Mocupo, com 18 anos de idade, “alta, grossa, rosto oval, olhos vivos, (e) O nos braços”. Uma outra escravizada, Emilia [n.º 24], com 18 anos de idade, natural dos Gambos, “alta, reforçada, um pouco fula, olhos grandes, cara redonda, (e) nariz muito chato”, ocupava-se de lavar e engomar roupa. Estas ocupações teriam principalmente feito parte dos serviços oferecidos diariamente pelos senhores/as de escravos fora da “casa grande”.

Dentro das habitações de seus amos, 53 outras cativas eram ou serventes ou então se ocupavam dos serviços domésticos. Fora deste universo doméstico, 44 escravizadas laboravam exclusivamente na colheita da urzela, enquanto 80 trabalhavam em vários setores da agricultura. Demais, duas escravizadas exerciam mais do que uma ocupação: Calunga [n.º 768], descrita como “baixa, gorda, e “tem de menos o braço direito que foi

amputado”,²⁹ natural da Huila, com 30 anos de idade, empregava-se na agricultura e na função de pastora, enquanto Joanna [n.º 9], natural do Bihe, com 29 anos de idade, caracterizada como “baixa, reforçada, ... e (com) uma marca W sobre o peito esquerdo”, trabalhava ‘na agricultura e serviço doméstico’.

Uma cativa em particular, por nome de Victoria [n.º 849], dita de “altura reforçada, olhos vivos, (e) cicatrizes nas costas”, natural de Ambaca com 25 anos de idade, tinha um ofício bem distinto: ama-de-leite! Assim, poucas escravizadas trabalhavam em mais do que uma ocupação. Ademais, nenhuma foi registada em 1855 como possuindo especialização em qualquer dos ofícios acima referidos. Isso dito, entre os principais ramos de trabalho em Moçâmedes, as cativas somente não participavam em ocupações do mar e da construção.³⁰

Embora em número bem inferior ao dos escravizados, assim como trabalhando em menos ofícios, as 189 cativas existentes em Moçâmedes durante 1855 exerciam cargos importantes nesta sociedade escravagista de constituição recente. Mas pelo menos um outro ponto importante pode ser extraído dessa situação. Concentremos a nossa atenção nas principais actividades económicas então desenvolvidas nesta vila costeira tanto por homens como por mulheres (Tabela 2). Entre os 196 trabalhadores escravizados laborando exclusivamente no sector da agricultura, 80 (41%) eram mulheres.

No caso dos 100 cativos trabalhando na apanha da urzela, 44 (44%) eram mulheres. E por último, mas não menos importante, entre os 110 cativos trabalhando como serventes ou empregados/as domésticos/as, 53 (48%) eram do sexo feminino. Ora, como estes três trabalhos representavam perto de 60% da totalidade das ocupações exercidas por cativos, podemos afirmar que as tarefas específicas de género nas economias africanas “tradicionais” simplesmente se rompiam com o tipo de escravidão

²⁹ Esta cativa fazia parte do grupo de aleijados dentro dos 850 escravizados: sobre este assunto, ver: Curto, “Uma vila escravagista”, pp. 225-269.

³⁰ É surpreendente, no entanto, não se encontrar referência a uma ocupação tipicamente feminina em Angola colonial, especialmente nos meados do século XIX: a quitandeira. Ver, por exemplo, os trabalhos de Vanessa S. Oliveira listados nas notas 4 e 5 acima, assim como “Baskets, Stalls, and Shops: Experiences and Strategies of Women in Retail Sales in Nineteenth Century Luanda”, *Canadian Journal of African Studies* 54 (2020), 1-18. Para outros trabalhos sobre as quitadeiras, embora menos pormenorizados, ver: Ana de S. Santos, “Quitandas e quitadeiras de Luanda”, *Boletim Instituto de Investigação Científica de Angola* 4 (1967), 89-112; Pantoja, “A Dimensão Atlântica das Quitadeiras”; Selma Pantoja, “Women's Work in the Fairs and Markets of Luanda”, in Clara Sarmento, org., *Women in the Portuguese Colonial Empire: The Theatre of Shadows*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2008, 81-94. Seria possível que, em Moçâmedes, em 1855, todas fossem mulheres livres ou libertas? Ou talvez as quitadeiras servis estevam enterradas sob a categoria genérica de serventes escravizadas.

desenvolvido neste e em outros contextos urbanos costeiros, com os homens forçados a realizar uma série de atividades que antes eram restritas a mulheres.³¹

Embora os escravizados fossem numericamente superiores às escravizadas, como se poderia esperar numa sociedade escravagista de fronteira, as cativas participavam nas mais importantes actividades económicas em proporções quase iguais às dos homens não livres, incluindo na agricultura, na colheita da urzela e nos serviços domésticos. Desta forma, os estereótipos de género tradicionais relacionados com o trabalho foram quebrados.

Uma vez escravizados, quase todos os cativos teriam procurado regressar ao seu estado anterior de liberdade.³² Entre os 850 cativos registados em Moçâmedes, em fins de 1855, um total de 112 (13,2%) encontrava-se em fuga, removendo, assim, uma parte do investimento de capital feito e do trabalho esperado pelos seus proprietários. Dentro deste número, 39, ou pouco mais de um terço, eram mulheres. Reflectindo o peso do sexo feminino na população escravizada em geral, isto quer dizer que a propensão das mulheres a fugir não era menor do que a dos homens.

³¹ Numa explicação genérica do impacto da vinda dos europeus (presumivelmente incluindo os luso-brasileiros ou “pernambucanos”) durante a segunda metade do século XIX, Nascimento argumenta que “[a] chegada dos europeus e sua agricultura de larga escala [...] e o trabalho escravo promoveram rupturas no universo da região, introduzindo novos hábitos, além da violência laboral como prática cotidiana. Mesmo a cultura extrativista sofreu modificações, a coleta da Urzela ou esponjas era feita de forma muito residual pelos povos locais. Para as mulheres de igual forma, muitas delas foram deslocadas do espaço da agricultura doméstica para trabalhos como os de lavadeiras, engomadeiras, cozinheiras, prostitutas [...] muitos dos ofícios criados (ou redimensionados) por conta da presença dos colonos europeus.” Ver: Washington Nascimento, *Jogo nas sombras—realidades misturadas, estratégias de subjetivação e luta anticolonial em Angola (1901—1961)*, Rio de Janeiro: Vitória da Conquista: Edições UEBA, 2020, p. 159. Mas a outra vertente deste processo, homens escravizados forçados a trabalhar em ocupações pertencente anteriormente ao mundo feminino, assim como mulheres escravizadas forçadas a fazer trabalhos anteriormente ditos masculinos passa em silêncio. Como bem salientado por um observador da época, “Opinião do Snr. Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro”, *Boletim Oficial de Angola*, N.º 611, 13 de junho, 1857, p. 7, “os pretos, segundo seus uzos, não devem trabalhar na cultura, nem em serviços domésticos: sam as pretas. A profissão deles e caçar, pescar, e carregar”.

³² William G. Clarence-Smith, “Runaway Slaves and Social Bandits in Southern Angola, 1875-1913”, in Gad Heuman, org., *Out of the House of Bondage: Runa ways, Resistance and Marronage in Africa and the New World*. London: F. Cass, 1986. pp. 23-33; Beatrix Heintze, “Asiles toujours menacés: fuites d’esclaves en Angola au XVII^e siècle”, in Katia de Queiros Mattoso, org., *Esclavages: Histoire d’une diversité de l’océan Indien à l’Atlantique sud*. Paris: L’Harmattan, 1997, pp. 101-122; Aida Freudenthal, “Os quilombos de Angola no século XIX: a recusa da escravidão”, *Estudos Afro-Asiáticos* 32 (1997), pp. 109-134; Roquinaldo A. Ferreira, “Escravidão e Revoltas de Escravos em Angola (1830-1860)”, *Afro-Ásia* 21-22 (1998), pp. 9-44; José C. Curto, “Resistência à escravidão na África: O caso dos escravos fugitivos recapturados em Angola, 1846-1876”, *Afro-Ásia* 33 (2005), pp. 67-86, (re)publicado sob o mesmo título em João José Reis and Carlos da Costa Silva Jr., orgs., *Atlântico de dor: faces do tráfico de escravos*. Rio de Janeiro: Fino Traço, 2016. pp. 511-530. Roquinaldo A. Ferreira, “Slave Flights and Runaway Communities in Angola (17th-19th centuries)”, *Anos 90* 21/40 (2014), pp. 65-90; Oliveira, “Mulheres escravizadas e resistência à escravidão em Luanda”.

Enquanto algumas das fugitivas se tinham afastado recentemente do controlo dos seus amos, outras já se encontravam em fuga durante anos. Uma das primeiras documentadas foi Deambor, [n.º 598], que fugiu do seu proprietário em Março de 1852, José Joaquim da Costa. Anna [n.º 731] fugiu do seu dono, Joaquim da Paiva Ferreira, em Maio de 1854. E Clara [n.º 711] escapou em Janeiro de 1855 ao domínio de Francisco Bernardo Lima. Estes três casos de fuga parecem ter ocorrido individualmente. Mas a maioria das fugitivas parece ter escapado aos seus donos em grupo. Um total de 28, ou quase três quartos de todas as mulheres em fuga, escapou ao cativo de Mariano José Faria, que obrigava a totalidade dos seus cativos a trabalhar na agricultura. Entre elas encontravam-se: Carolina [n.º 328], Leonor [n.º 329], Theodora [n.º 330], Joaquina [n.º 331] e outra Joaquina [n.º 332], que fugiram em novembro de 1852; Joana [n.º 334], Vitória [n.º 335] e Perpétua [n.º 335], que se evadiram em Março de 1853; Leopoldina [n.º 347] e Luiza [n.º 348], que fugiram em junho de 1853; Amalia [n.º 349], Emilia [n.º 350], Jezuina [n.º 351], Genoveva [n.º 352], Jozefa [n.º 353], Gabriela [n.º 354] e Teresa [n.º 355], que também fugiram em junho de 1853; Rosa [n.º 356], Rita [n.º 357], outra Rosa [n.º 358], Juliana [n.º 359], uma segunda Rita [n.º 360] e Paciência [n.º 361], que se evadiram em agosto de 1853; e Catherina [n.º 338], Adelaide [n.º 339] e Christina [n.º 340], que fugiram em outubro de 1853. O momento destas fugas não prova conclusivamente que tenham ocorrido no contexto de uma acção colectiva. O que é claro é que, em pouco menos de um ano, José Faria perdeu 35% da sua força de trabalho escravizada com tantas fugas de mulheres cativas, o que indica condições de trabalho severas e/ou exploração sexual na(s) sua(s) propriedade(s) agrícola(s), assim como respostas solidárias baseadas no género e bem planificadas.³³ Infelizmente, ao contrário das outras mulheres servis que trabalhavam em Moçâmedes, as escravizadas que fugiram dos seus donos não tiveram as suas ocupações anteriores registadas, nem as suas características físicas documentadas. É, assim, difícil analisar os motivos que as levaram a escapar ao jugo dos seus donos.

Conclusão

³³ Dois outros proprietários de escravizados sofreram fugas coletivas femininas, embora a uma escala muito menor. Um deles era nada menos que Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro. Em março de 1855, quatro de suas escravizadas escaparam do seu jugo: Catherina [n.º 763], Izabel [n.º 764], Thereza [n.º 765], e Quipalanca [n.º 765]: estas mulheres, 4 dos 5 escravizados de Abreu e Castor então em fuga, certamente não pensavam seu amo ser proponente da abolição da escravatura. O outro proprietário que vivenciou fugas coletivas de escravos foi Manuel António Teixeira Monteiro. Entre os 42 escravizados que possuía por fim de 1855, 15 se encontravam fugidos. Quase um terço destes servis, ou 4, eram mulheres: Quitulla [n.º 704] e Catherina [n.º 705] tinham fugido em junho de 1853; e Queteria [n.º 702] e Laurianna [n.º 703] escaparam em fevereiro de 1855.

Os dados encontrados no códice 2580, *Mossamedes, Livro_N.º 1 de Registro de Escravos*, fornecem-nos assim uma quantidade incomensurável de informação relativa a 1855 sobre mulheres cujas vozes foram silenciadas pela violência da escravatura. Os seus corpos escravizados evidenciavam não apenas traumas médicos, mas também muito sofrimento nas mãos de outras pessoas.

As costas da já citada ama de leite Victoria [n.º 849], por exemplo, estavam marcadas por cicatrizes. Ademais, os donos de cativos/as quase sempre tinham a sua propriedade humana marcada a ferro quente, como se fossem gado. Marianna [n. 188], com apenas 15 anos de idade, natural do Bailundo, “alta, (mas) magra (e com) olhos amortecidos”, tinha as iniciais JDA estampadas no seu “peito esquerdo”: era propriedade de João Duarte de Almeida, um outro suposto proponente da abolição da escravatura que, depois de se ter mudado de Benguela, transformou-se no maior dono de escravizados em Moçâmedes.³⁴ E por último, mas não menos importante, Julia [n.640], com 24 anos de idade, natural do Nano, e dita “alta, grossa, rosto redondo, (e) olhos vivos”, tinha a marca IDA “nos peitos”: sua proprietária era a respeitável Dona Isabel de Austria, uma das poucas mulheres que integravam o primeiro grupo de luso-brasileiros que se instalou no sul de Angola.³⁵ Qualquer solidariedade feminina que existia nessa sociedade não ultrapassava as barreiras da cor e/ou da classe.

Em 1855, Moçâmedes apresentava uma proporção de apenas 3 mulheres para cada 7 homens escravizados. Esta situação demográfica criou um *déficit* feminino que influenciou as relações sociais, o controlo senhorial e as dinâmicas de poder dentro desta sociedade escravocrata. Apesar da maioria das mulheres escravizadas estar em idade reprodutiva, a população servil simplesmente não se auto-reproduzia. A quase inexistência de famílias escravizadas estáveis e a predominância de lares monoparentais indicam que a reprodução biológica não era incentivada pelos senhores/as, reforçando assim a dependência da importação de cativos com origens em outras partes de Angola e além.

As mulheres escravizadas, embora numericamente inferiores aos homens servis, desempenhavam papéis centrais na economia local, atuando na agricultura, colheita da urzela e serviços domésticos, quebrando padrões tradicionais de gênero e sustentando a base produtiva da vila.

Sabemos pouco sobre o que poderia ter sido a resistência cotidiana das escravizadas neste contexto. Mas a resistência feminina não se limitou à sobrevivência

³⁴ Curto, “Uma Vila Esclavagista”.

³⁵ Ver a lista destes colonos reproduzida em Manuel J. de M. Torres, *Moçamedes*, v.1, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1974 [1950], pp. 479-481.

cotidiana: em 1855, 39 mulheres servis se encontravam em fuga, a maioria delas em ações coletivas, revelando assim estratégias solidárias e contestação ao sistema escravista, especialmente em propriedades com condições socioeconômicas severas.

Tabela 1. Ocupações em Moçâmedes, 1854-1860

	1854	1857	1859		1860	
			Livres	Escravos	Livres	Escravos
Alfaiates	4	2	4	6	4	6
Barbeiros	1	2	2	2	2	2
Caboqueiros		1				
Calafates		2				
Canteiros	1	3	1	2	2	3
Carpinteiros	8	14	12	17	13	21
Cavouqueiros	1					
Ferreiros & Serralheiros	2	4	4		4	
Forneiros	1					
Latoeiros, Caldeireiros, Funileiros	1	1	2	1	1	1
Machinista & Fundidor	1	1	1		1	
Oleiros	3	3				
Padeiros			2		2	
Pedreiros	9	16	4	25	6	36
Sapateiros	3	4	6	2	6	6
Tanoeiros	5	8	3	9	1	9
Torneiros		1	3		2	
TOTAL			44	64 (59.3%)	44	84 (65.6%)

Fontes: *Annaes do Conselho Ultramarino, parte não oficial*, Série I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1855, p. 200; *Boletim Oficial de Angola*, n. 662, 5 de junho de 1858, p. 4; *Boletim Oficial de Angola*, n. 762, 26 de maio de 1860, pp. 8-9; *Boletim Oficial de Angola*, n. 817, 1 de junho de 1861, pp. 2-3.

NB: É de notar que, tal como em Luanda, os escravizados que exerciam estes ofícios trabalham maioritariamente desde ou em oficinas: Manuel J. de M. Torres, *Moçâmedes*, v.1, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1974 [1950], pp. 383-387; Rosa M. dos S. A. de Sousa, “Moçâmedes, 1840-1907: contribuição para o estudo da história Urbana de Angola”, v. 1, Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, 2002, p. 227.

Tabela 2. Moçâmedes, 1855 – Ocupações de Pessoas Escravizadas por Gênero			
Ocupação	Escravizados	Escravizadas	Total
Agricultura	116	80	196
Agricultura e Pastor	1	1	2
Agricultura e Serviço Doméstico	0	1	1
Alfaiate	1	0	1
Ama de Leite	0	1	1
Apanha de Urzela	56	44	100
Caixeiro aprendiz	1	0	1
Calafate	1	0	1
Carpinteiro	4	0	4
Carpinteiro da Ribeira	2	0	2
Casceiro	1	0	1
Caseiro	2	0	2
Casteiro	3	0	3
Costureira	0	2	2
Cozinheiro/a	4	7	11
Cozinheiro e Barqueiro	1	0	1
Engomadeira	0	1	1
Lavadeira	0	7	7
Lavadeira e Engomadeira	0	1	1
Marinheiro	13	0	13
Marinheiro e Apanha de Urzela	2	0	2
Mestre de assucar e purgador	1	0	1
Oleiro	2	0	2
Padeiro	2	0	2
Pastor	5	0	5
Pedreiro	10	0	10
Pedreiro aprendiz	1	0	1
Pedreiro e Carpinteiro aprendiz	1	0	1
Pescador	204	0	204
Sangrador e Sangreiro	1	0	1
Servente	52	39	91
Serviço Doméstico / em casa	5	14	19
Tanoeiro	6	0	6
Tanoeiro aprendiz	5	0	5
Trabalha com enxadas	7	0	7
TOTAL	510	198	708
Fonte: Arquivo Histórico Nacional (Luanda), Códice 2580, Mossamedes, Livro_N.º 1 de Registro de Escravos.			

Referências bibliográficas

- Abrantes, José M. *Kimpa Vita: A profetisa ardente*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.
- Azevedo, João M. Cerqueira de. *Jinga: Rainha de Matamba 1583-1663*. Braga: Oficinas Gráficas Augusto Costa & Comp.a, 1949.
- Batsîkama, Patrício. “Religião como espaço de resistência: Dona Beatriz Ñsîmba Vita”, *Revista Transversos* 22 (2021), <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/57839/38925>, acesso 10 de dez. de 2025.
- Batsîkama, Patrício. “Kimpa Vita: Religiosidade Kôngo e Messianismo”, in *Sociedades Africanas: Religiosidades, Identidades e Conexões Globais*, 2023, https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/32817/1/bookPart_32817.pdf, acesso em 10 de dez. de 2025.
- Batsîkama, Patrício. *O Legado de Ñsimba Vita «Kimpa Vita»: Simon Kimbangu e Simão Gonçalves Toco*. Luanda: Mayamba, 2021.
- Batsîkama, Patrício. *Dona Beatriz Ñsîmba Vita*. 1ª edição, Aracaju, SE: Ancestre, 2021.
- Birmingham, David. “Slave City: Luanda through German Eyes”, *Portuguese Studies Review* 19 (2011), pp. 77-92.
- Bortolot, Alexander I. “Ana Nzinga: Queen of Ndongo”, *Heilbrunn Timeline of Art History*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000, <https://www.metmuseum.org/essays/ana-nzinga-queen-of-ndongo>, acesso 12 de dez., 2025.
- Boulanger, Dorothée. “Centring Women or Rehabilitating Masculinity? Gender, Literature and Late. Nineteenth Century Angola”, in Francisco Bethencourt, org., *Gendering the Portuguese-Speaking World: From the Middle Ages to the Present*. Boston: Brill, 2021, pp. 179-198.
- Campos, Fernando. “A data da morte da Rainha Jinga D. Verónica I”, *África* (Universidade de São Paulo) 4 (1981), pp. 79-103, 5 (1982), pp. 72-104, e 6 (1983), pp. 89-128.
- Candido, Mariana P. “Women in Angola”, *Oxford Research Encyclopedia of African History*, 2018, <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.569>, acesso 10 de dez., 2025.
- Candido, Mariana P. *Wealth, Land, and Property in Angola: A History of Dispossession, Slavery, and Inequality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- Candido, Mariana P. “Understanding African Women’s Access to Landed Property in Nineteenth Century Benguela”, *Canadian Journal of African Studies* 54 (2020), pp. 395-417.
- Candido, Mariana P. “Engendering West Central African History: The Role of Urban Women in Benguela in the Nineteenth Century,” *History in Africa* 42 (2015), pp. 7–36.

- Candido, Mariana P. “African Women in Ecclesiastical Documents,” *Social Sciences and Missions* 28 (2015), pp. 235-260.
- Candido, Mariana P. “Women, Family, and Landed Property in Nineteenth-Century Benguela”, *African Economic History* 43 (2015), pp. 136–161.
- Candido, Mariana P. “Strategies for Social Mobility. Liaisons between Foreign Men and Enslaved Women in Benguela, ca. 1770–1850”, in Gwyn Campbell and Elizabeth Elbourne, orgs., *Sex, Power, and Slavery*. Athens: Ohio University Press, 2014, pp. 272–288.
- Candido, Mariana P. “Aguida Gonçalves da Silva, une dona à Benguela à la fin du XVIIIe siècle”, *Brésil(s). Sciences humaines et sociales* 1 (2012), pp. 33-53.
- Candido, Mariana P. “Concubinage and Slavery in Benguela, ca. 1750–1850,” in Nadine Hunt and Olatunji Ojo, orgs., *Slavery and Africa and the Caribbean: A History of Enslavement and Identity since the 18th Century*. London: I.B. Tauris, 2012, pp. 66–84.
- Candido, Mariana P., Mariana Dias Paes, and Juelma Gomes de Matos Ngala, “Law and Widowhood in Nineteenth-Century Angola,” in Joanna Davidson and Benjamin N. Lawrance, orgs., *Pathos and Power: Interdisciplinary Perspectives on Widowhood in Africa Past and Present*. Ohio University Press, 2025, pp. 63-79.
- Candido, Mariana P., and Vanessa S. Oliveira, “The Status of Enslaved Women in West Central Africa, 1800–1830”, *African Economic History* 49 (2021), pp. 127-153.
- Castilhon, Jean-Louis. *Zingha, Reine D'Angola: Histoire Africaine*. Paris: Lacombe 1769, (mas veja-se a edição moderna organizada por Patrick Graille e Laurent Quillierie com publicação em Bourges: Ganymede, 1993).
- Castro Lopo, Júlio de. “Uma Rica Dona de Luanda”, *Portucale* 3 (1948), pp. 129-138.
- Castro Soromenho, [Fernando Monteiro de]. “Portrait: Jinga, Reine de Ngola et de Matamba”, *Présence Africaine* 42 (1962), pp. 47-53.
- Clarence-Smith, William G. “Runaway Slaves and Social Bandits in Southern Angola, 1875-1913”, in Gad Heuman, org., *Out of the House of Bondage: Runa ways, Resistance and Marronage in Africa and the New World*. London: F. Cass, 1986. pp. 23-33.
- Costa, Renata J. da, “Colonialismo e gênero entre os Ovimbundu: relações de poder no Bailundo (1880-1930)”, Tese de doutoramento, Universidade de Brasília, 2014.
- Costa Ehrl, Renata J. da. “Mulheres Ovimbundu e poder local no Bailundo - 1880 e 1930”, *Afro-Ásia* 71 (2025), pp. 1-36.
- Cruz e Silva, Rosa da. *Jinga Mbandi e o Poder*. Luanda: Museu Nacional de Antropologia, 1991.
- Curto, José C. “Escravos/as e suas Ocupações em Moçâmedes, 1854-1860”, *Afro-Ásia* 71 (2025), pp. 1-26.

- Curto, José C. “Uma Vila Escravagista: Proprietários e seus Cativos em Moçâmedes, 1855”, *Revista Brasileira de História* 43/93 (2023), pp. 225-269. DOI: [10.1590/1806-93472023v43n93-12](https://doi.org/10.1590/1806-93472023v43n93-12), acesso 1 de jan., 2024.
- Curto, José C. “A Família Fortunato da Costa: De Portugal a Angola, via São Tomé, c. 1808 a 1859”, *Afro-Ásia* 67 (2023), pp. 97-141.
- Curto, José C. “‘That Abominable Practice’: Child Marriage in Two Slaving Ports (Luanda and Benguela), c. 1797 – 1846”, *International Journal of African Historical Studies* 54 (2021), pp. 129-147.
- Curto, José C. “Marriage in Benguela, 1797-1830: A Serialized Analysis”, in José C. Curto, org. (with the assistance of Maryann Buri), *New Perspectives on Angola: From Slaving Colony to Nation State*. Peterborough: Baywolf Press / Éditions Baywolf, 2021, pp. 119-143.
- Curto, José C. “Women Along the Catumbela River, 1797: Land Ownership, Agricultural Production, Labour, and Trade”, *Canadian Journal of African Studies* 54 (2020), pp. 373-393.
- Curto José C., “Resistência à escravidão na África: O caso dos escravos fugitivos recapturados em Angola, 1846–1876,” *Afro-Ásia* 33 (2005), pp. 67–86, (re)publicado sob o mesmo título em João José Reis and Carlos da Costa Silva Jr., orgs., *Atlântico de dor: faces do tráfico de escravos*. Rio de Janeiro: Fino Traço, 2016. pp. 511-530.
- Curto, José C. “The Story of Nbena, 1817-1820: Unlawful Enslavement and the Concept of ‘Original Freedom’ in Angola”, in Paul E. Lovejoy and David V. Trotman, orgs., *Trans-Atlantic Dimensions of Ethnicity in the African Diaspora*. London: Continuum, 2003, pp. 43-64.
- Curto, José C. “‘As if from a Free Womb’: Baptismal Manumissions in the Conceição Parish, Luanda, 1778–1807,” *Portuguese Studies Review* 10 (2002): 26–57.
- Curto José C., and Arshad Desai, “The Early Demography of Moçamedes, Angola, 1839-1869: A Preliminary Analysis”, *Revista HISTORIÆ* 10 (2019), pp. 11-32, <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/12040/7796>, acesso 1 de set., 2020.
- Cuvelier, Jean. *Koningin Nzinga van Matamba. Met medewerking van Jozef Boon*. Brugge: Desclée, De Brouwer, 1957.
- Felner, Alfredo de A., org., *Angola: Aparentamentos Sobre a Colonização dos Planaltos e Litoral do Sul de Angola, Documentos*. Lisboa: Agência-Geral das Colonias, 1940, 3 Vols.
- Fernandes de Oliveira, Mario A. *Alguns Aspectos da Administração de Angola (1834–1851)*. Lisbon: Universidade Nova de Lisboa, 1982.
- Ferreira, Roquinaldo A. “Slave Flights and Runaway Communities in Angola (17th–19th centuries)”, *Anos 90* 21/40 (2014), pp. 65–90.
- Ferreira, Roquinaldo A. “Escravidão e Revoltas de Escravos em Angola (1830-1860)”, *Afro-Ásia* 21-22 (1998), pp. 9-44.

- Fonseca, Mariana B. “Njinga of Ndongo and Matamba”, *Oxford Research Encyclopedia of African History*, 2022, DOI:[10.1093/acrefore/9780190277734.013.997](https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.997), acesso em 12 de dez., 2025.
- Fonseca, Mariana B. *Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.
- Fonseca, Mariana B. *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola, século XVII*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.
- Fonseca, Mariana B. “Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola: Século XVII”, Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2012.
- Fonseca, Mariana B. “Rainha nzinga mbandi, imbangalas e portugueses: as guerras nos quilombos de Angola no século XVII”, *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* 23 (2010), pp. 391-415.
- Freudenthal, Aida. “Os quilombos de Angola no século XIX: a recusa da escravidão”, *Estudos Afro-Asiáticos* 32 (1997), pp. 109-134.
- Glasgow, Roy A. *Nzinga: Resistencia africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.
- Gray, Richard. “A Kongo Princess, the Kongo Ambassadors and the Papacy”, *Journal of Religion in Africa* 29 (1999), pp. 140-154.
- Heintze, Beatrix. “Njinga Mbandi Ana de Sousa”, in John Middleton, org., *Encyclopedia of Africa south of the Sahara*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1997, Vol. 3, p. 328.
- Heintze, Beatrix “Asiles toujours menacés: fuites d’esclaves en Angola au XVII^e siècle”, in Katia de Queiros Mattoso, org., *Esclavages: Histoire d’une diversité de l’océan Indien a l’Atlantique sud*. Paris: L’Harmattan, 1997, pp. 101-122.
- Hendrickx, Benjamin. “Kimpa Vita (Dona Beatriz) and “Afro-Catholicism”: reexamining controversies and unsolved problems”, *Pharos Journal of Theology* 102 (2021), pp. 1-14.
- Hendrickx B. e T. Molefe, “Dona Beatriz (Kimpa Vita): Some new considerations on her role and death in the Kingdom of Kongo”, *Ekklesiastikos Pharos* 92, New Series 21 (2010), pp. 439- 450.
- Henriques, Isabel C. “As outras africanas: As reais e as inventadas”, *Oceanos* 21 (1995), pp. 53–63.
- Heywood, Linda M. *Njinga of Angola: Africa’s Warrior Queen*. Cambridge: Harvard University Press, 2017.
- Heywood, Linda M. “Ovimbundu Women and Social Change, 1880-1926”, in Maria Emília Madeira Santos, org., *A África e a Instalação do Sistema Colonial (ca. 1885 – ca. 1930)*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga e Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000, pp. 441-453.

- Jadin, Louis. Org. “Le Congo et la secte des Antoniens, Restauration du royaume sous Pedro IV et la ‘Saint Antoine’ congolaise: 1694-1718”, *Bulletin de l’Institut Historique Belge de Roma* 33 (1961), pp. 411-615.
- Kaké, Ibrahima B. *Anne Zingha: Reine d’Angola, première résistante à l’invasion portugaise*. Paris: ABC, 1975.
- Lopes, Tracy. “Free, Enslaved, and “Liberated” Women Imprisoned in Luanda, 1857 to 1884”, *Historiæ* 10 (2019), pp. 67-84.
- Lopes Cardoso, Carlos A. “Ana Joaquina dos Santos Silva, industrial angolana da segunda metade do século XIX”, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda* 32 (1972), pp. 5-14.
- Lovejoy, Paul E. “Les origines de Catherine Mulgrave Zimmermann: considérations méthodologiques”, *Cahiers des Anneaux de la Mémoire* 14 (2011), pp. 247-263.
- Mastrobuono, Luisa. “Ovimbundu Women and Coercive Labour Systems, 1850-1940: From Still Life to Moving Picture”, Dissertação de mestrado, University of Toronto, 1992.
- Mata, Inocência. Org., *A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito*. Lisboa: Colibri, 2012.
- Mboukou, Serge. *Messianisme et modernité. Dona Béatrice Kimpa Vita et le mouvement des antoniens*. Paris: L’Harmattan, 2010.
- Mello e Souza, Marina de. “A rainha Jinga de Matamba e o catolicismo (África central, século XVII)”, in Jerusa P. Ferreira and Vilma Áreas, orgs., *Marlyse Meyer nos caminhos do imaginário*. São Paulo: EDUSP, 2009, pp. 153-182.
- Miller, Joseph C. “Nzinga of Matamba in a New Perspective”, *Journal of African History* XVI (1975), pp. 201-216.
- Moses, Howard L. “Nzinga, the African queen: a psychobiographical novel; A contextual essay on leadership characteristics in Nzinga, the African queen”, Tese de doutoramento, Union Institute Graduate School, 1999.
- Nascimento, Washington. *Jogo nas sombras—realidades misturadas, estratégias de subjetivação e luta anticolonial em Angola (1901–1961)*. Rio de Janeiro: Vitória da Conquista: Edições UEBA, 2020,
- Oliveira, Vanessa S. <https://slaveregisters.org/about.php>.
- Oliveira, Vanessa S. “Experiences of Enslaved Children in Luanda, 1850-1869”, *Genealogy* 8 (2024), pp. 1-13.
- Oliveira, Vanessa S. “Dona Ana Joaquina dos Santos e Silva: A Woman Merchant of Nineteenth Century Luanda”, in Vanicleia S. Santos, org., *General History of Africa: Africa and Its Diasporas*. Paris: UNESCO, 2023, vol. X, pp. 913–923.
- Oliveira, Vanessa S. “Mulheres escravizadas e resistência à escravidão em Luanda no século XIX”, *Portuguese Studies Review* 30 (2022), pp. 91-112.

- Oliveira, Vanessa S. “Slave Labor and the Vulnerability of Enslaved Women in Mid-Nineteenth Century Luanda”, in José C. Curto, org. (with the assistance of Maryann Buri), *New Perspectives on Angola: From Slaving Colony to Nation State*. Peterborough: Baywolf Press / Éditions Baywolf, 2021, pp. 145-166.
- Oliveira, Vanessa S. “Baskets, Stalls, and Shops: Experiences and Strategies of Women in Retail Sales in Nineteenth Century Luanda”, *Canadian Journal of African Studies* 54 (2020), pp. 1-18.
- Oliveira, Vanessa S. “Spouses and Commercial Partners: Immigrant Men and Locally Born Women in Luanda, 1831–1859,” in Mariana P. Candido and Adam Jones, orgs., *African Women in the Atlantic World: Property, Vulnerability & Mobility, 1660–1880*. Woodbridge, Suffolk: Boydell and Brewer Limited, 2019, pp. 217–232.
- Oliveira, Vanessa S. “Donas, escravas e pretas livres em Luanda (séc. XIX),” *Estudos Ibero-Americanos* 44 (2018), pp. 447-456.
- Oliveira, Vanessa S. “The Donas of Luanda, C. 1770-1867: From Atlantic Slave Trading to ‘Legitimate’ Commerce”, Tese de doutoramento, York University, 2016.
- Oliveira Vanessa S., “Slavery and the Forgotten Women Slave Owners of Luanda (1846–1876),” in Vanessa S. Oliveira and Paul E. Lovejoy, orgs., *Slavery, Memory and Citizenship*. Trenton: African World Press, 2016, pp. 129–147.
- Oliveira, Vanessa S. “The Gendered Dimension of Trade: Female Traders in Nineteenth Century Luanda.” *Portuguese Studies Review* 23 (2015), pp. 93–121.
- Oliveira, “Vanessa S. Gender, Foodstuff Production and Trade in Late-Eighteenth Century Luanda”, *African Economic History* 43 (2015), pp. 57–81.
- Pantoja, Selma A. “Njinga a Mbande: Discutindo Gênero, Poder e Guerra no Século XVII em Angola”, *Revista Científica do ISCED – Huíla* 2 (2021), pp. 81-97.
- Pantoja, Selma A. “Njinga a Mbande: Power and War in 17th-Century Angola”, in *Oxford Research Encyclopedia of African History*. New York: Oxford University Press, 2020, pp. 1-23.
- Pantoja, Selma. “O ensino da história africana: metodologias e mitos – o estudo de caso da rainha Nzinga Mbandi”, *Revista Cerrados* 19 (2010), pp. 315-328, <http://www.revistacerrados.com.br/index.php/revistacerrados/article/view/189>, acesso em 10 de dez., 2025.
- Pantoja, Selma. “Women’s Work in the Fairs and Markets of Luanda,” in Clara Sarmiento, org., *Women in the Portuguese Colonial Empire: The Theatre of Shadows*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2008, pp. 81–94.
- Pantoja, Selma A. Donas de ‘Arimos’: um negócio feminino no abastecimento de gêneros alimentícios em Luanda (séculos XVIII e XIX), in Selma A. Pantoja, org., *Entre Áfricas e Brasil*. Brasília: Paralelo 15, 2001, pp. 35-49.

- Pantoja, Selma. “A Dimensão Atlântica das Quitandeiras,” in Júnia Ferreira Furtado, org., *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, pp. 45–67.
- Pantoja, Selma A. *Nzinga Mbandi: Mulher, Guerra e Escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2000.
- Pantoja, Selma. “As Fontes Escritas do Século XVII e o Estudo da Representação do Feminino em Luanda,” in Jill R. Dias and Rosa Cruz e Silva, orgs., *Construindo o passado angolano: As fontes e a sua interpretação: Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola*. Lisbon: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, pp. 583–596.
- Pantoja, Selma. “A Diáspora Feminina: Degredadas para Angola no Século XIX (1865–1898),” *Análise Social* 151/152 (1999), pp. 555–572.
- Pantoja, Selma., et. al., orgs., *Angola e as angolanas. Memória, sociedade e cultura*. São Paulo: Intermeios, 2016.
- Parreira, Adriano A. T. “A Rainha Angolana Jinga: Para Além das Leis Normativas de Parentesco,” *História* (Lisboa) 123 (1989), pp. 59-67.
- Parreira, Adriano A. T. *Economia e Sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga, Século XVII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.
- Quijila, Abel C. “Repensar o lugar de Kimpa Vita e o movimento Antonista nos livros didáticos angolanos: a partir da história e das artes”, Dissertação de mestrado, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.
- Quijila, Abel C. “Kimpa Vita: Um Caso de Resistência contra o Projeto de Colonialismo na África no Século XVII”, in Arilson dos Santos Gomes, et al, orgs., *Ensaíos interdisciplinares em humanidades*. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2022, p. 21-41.
- Rego, A. da Silva (org.). “Annaes do Município de Mossamedes”, *Studia* 38 (1974), pp. 7-87.
- Rocha, Denise. “Imagens da Diplomacia de Nzinga Mbandi Ngola, em Luanda, no ano de 1621: História, Gravuras, e Narrativa (Pepetela)”, trabalho apresentado no III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 03 a 06 de maio de 2011, Londrina.
- Salas, Esteban A. “Women and Food Production: Agriculture, Demography and Access to Land in Late Eighteenth-century Catumbela”, in Mariana P. Candido and Adam Jones, orgs., *African Women in the Atlantic World: Property, Vulnerability & Mobility, 1660–1880*. Woodbridge, Suffolk: Boydell and Brewer Limited, 2019, pp. 55-69.
- Santos, Ana de S. “Quitandas e quitandeiras de Luanda”, *Boletim Instituto de Investigação Científica de Angola* 4 (1967), 89-112.
- Schwarz-Bart, Simone. “Ana de Sousa Nzinga: The Queen Who Resisted the Portuguese Conquest”, in Simone Schwarz-Bart, org., *Ancient African Queens: Vol. 1, In Praise of Black Women*. Madison: University of Wisconsin Press, 2001, pp. 174-187.
- Serrano, Carlos M. H. “Ginga, A Rainha Quilombola de Matamba e Angola,” *Revista da USP* 28, Dossiê Povo Negro - 300 Anos (1995-1996), pp. 1-7.

- Skidmore-Hess, Cathy. “Njinga of Matamba and the politics of Catholicism”, in E. Clark and M. Laven, orgs., *Women and Religion in the Atlantic Age, 1550-1900*. Farnham, UK: Ashgate, 2013, pp.123-140.
- Skidmore-Hess, Cathy. “Queen Nzinga, 1582-1663: Ritual, Power and Gender in the Life of a Precolonial African Ruler”, Tese de doutoramento, University of Wisconsin, 1995.
- Skidmore-Hess, Cathy. “Soldiers and Smallpox: The 1626 Portuguese Campaign against Njinga of Matamba in Angola”, in Robert H. Harms, Joseph C. Miller, David S. Newbury, and Michele D. Wagner, orgs., *Paths Towards the Past: African Historical Essays in Honor of Jan Vansina*. Atlanta: ASA Press, 1994, pp. 395-413.
- Souindoula, Simão. “Kimpa Vita, uma tragédia inacabada”, *Revista Angolana de Sociologia* 7 (2011), pp. 189-191.
- Sousa, Rosa M. dos S. A. de “Moçamedes, 1840-1907: contribuição para o estudo da história Urbana de Angola”, v. 1, Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, 2002.
- Thornton, John K. “Elite women in the Kingdom of Kongo: historical perspectives on women’s political power”, *Journal of African History* 47 (2006), pp. 437-460.
- Thornton, John K. *The Kongolese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684–1706*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- Thornton, John K. “Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624-63”, *Journal of African History* 32 (1991), pp. 25-40.
- Torres, Manuel J. de M. *Moçamedes*, v.1, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1974 [1950].
- Vieira, Gérard., org., *Le Père Duparquet: lettres et écrits, Tome II*. Paris: Karthala, 2013.
- Weber, Priscila M. “‘Nossa capital inimiga’ ou ‘ardiloza como valeroza’: a rainha Ginga indeterminada semanticamente na obra de Oliveira de Cadornega”, in Marçal de Menezes Paredes and Vinícius Liebel, orgs., *Cultura no Contexto Ibero-Americano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, pp. 9-28.
- Weber, Priscila M. “A rainha Nzinga Mbandi como personagem chave nas disputas de poder no Ndongo: África Central, século XVII”, *Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História* 13 (2016), pp. 224-231.
- Weber, Priscila M. *História da África e dos afrodescendentes no Brasil - Nzinga Mbandi em perspectiva*. Porto Alegre: Rigel, 2012.
- Weber, Priscila M. “Africanidades em questão: o desenvolvimento dos estudos africanos e alguns apontamentos sobre a ascensão da rainha Nzinga Mbandi ao poder no Ndongo e Matamba”, *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades* 10 (2012), pp. 1-18.
- Wheeler, Douglas L. “Angolan Woman of Means: D. Ana Joaquina dos Santos e Silva, Mid-Nineteenth Century Luso-African Merchant-Capitalist of Luanda”, *Santa Barbara Portuguese Studies* 3 (1996), pp. 284-297.

Recebido:05/04/2026

Aceite:23/04/2026



[Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a **REVISTA CIENTÍFICA DO ISCED - Huíla** e para o Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla, que mantém com fundos próprios a Revista.